

Jorge Bastos da Silva\*

Universidade do Porto - ILC

# Nas Raízes do Jornalismo literário: Números Escolhidos de *The Spectator* (Londres, 1711-1714). Seleccção, Tradução e Aparato Crítico

## Resumo:

Procede-se à apresentação de um conjunto seleccionado de artigos do periódico *The Spectator* (Londres, 1711-1714), da autoria de Joseph Addison e Richard Steele, em tradução portuguesa. A introdução frisa a importância destes artigos no desenvolvimento da forma do ensaio periodístico e caracteriza-os nalguns dos seus aspectos principais, como sejam a criação de personagens e o uso de máscaras, o objectivo de formar (o gosto, o carácter, a conduta) mais do que informar, o distanciamento estabelecido relativamente a compromimentos político-partidários, a presença de ensaios críticos sobre a literatura e outras artes, e a relação do periódico com a cultura literária do Classicismo.

## Palavras-chave:

*The Spectator*, Joseph Addison, Richard Steele, ensaio, Classicismo

## Abstract:

A selection of articles by Joseph Addison and Richard Steele from the periodical *The Spectator* (London, 1711-1714) is here presented in Portuguese translation. The introduction stresses the importance of these essays for the development of the form of the periodical essay and describes some of their main features, such as the creation of characters and the use of masks, the aim of shaping taste, character and conduct more than providing news, the refusal of partisan commitments, the presence of critical essays on literature and other arts, and the relationship between this periodical and the literary culture of Classicism.

## Keywords:

*The Spectator*, Joseph Addison, Richard Steele, essay, Classicism

## Apresentação

Os principais responsáveis por *The Spectator*, Joseph Addison (1672–1719) e Richard Steele (bapt. 1672–1729), realizaram um feito a vários títulos notável. Com a colaboração de alguns autores próximos, como Thomas Tickell, Eustace Budgell e Alexander Pope, mas chamando a si o principal encargo da concepção e da escrita do periódico, publicaram um total de 635 números entre Março de 1711 e Dezembro de 1714, rapidamente granjeando a atenção de um número excepcionalmente alto de leitores fiéis, que chegavam a coleccionar conjuntos de artigos de acordo com os seus temas principais. Não a inventando, Addison e Steele todavia desenvolveram a forma do ensaio periodístico, legando à posteridade um reconhecido monumento da prosa inglesa, muitas vezes republicado em edições integrais ou antológicas. No plano dos conteúdos, mais do que informar os leitores acerca dos acontecimentos da actualidade, cuidaram de lhes formar o carácter, a conduta e o gosto. Para o fazer, criaram uma máscara autoral, Mr Spectator, ou o Sr. Espectador, personagem ambivalente que assiste sem participar na vida contemporânea, ou, antes, que muito vê e muito sabe (pelo menos em teoria), especialista em tudo (tendo experiência de muito pouco) e acerca de tudo sempre pronto a escrever, embora discreto no espaço público e silencioso na convivência corrente. Mr Spectator goza da companhia de um clube onde pontificam o cavaleiro de velhos foros senhoriais e tendências tory, Sir Roger de Coverly; o burguês apostado no comércio internacional e de simpatias whig, Sir Andrew Freeport; o jovem advogado que só se interessa pelo teatro; o velho militar, Capitão Sentry, de coragem comprovada mas desiludido das lides castrenses; Will Honeycomb, um janota do tempo da Restauração (que ocorreu em 1660), agora idoso mas sempre atento às coisas de modas e senhoras; e um sacerdote de virtude exemplar. O periódico dá deste modo ao leitor uma galeria de vozes e pontos de vista, e um amplo leque de histórias e interesses, que retrata a diversidade da vida social coeva, num regime de tolerância e conciliação das divergências.

O clube de Mr Spectator não é só uma ficção da contemporaneidade. É também uma ficção da própria ideia de um jornal. O clube encarna um aparato editorial que implica a recolha e a selecção da informação (que não, neste caso, de notícias), realiza a sua modulação editorial por via da opinião dos redactores, pondera a feitura do periódico e discute a correspondência recebida dos leitores – e que se reúne num café, epicentro da urbanidade (tome-se a palavra nos seus dois sentidos) e símbolo por excelência do espaço público no qual se situa a publicação, de onde provêm os seus conteúdos, por onde ela circula, onde ela é lida e debatida. A dimensão metajornalística do *Spectator* passa decisivamente por este dispositivo do clube, tal como passa pelos ensaios que reflectem acerca da própria natureza do ensaio. O que é uma forma de dizer que o jogo de identidades, o jogo de máscaras e vozes, tem um valor programático que insere o *Spectator* no contexto da imprensa da época – e ao mesmo tempo o destaca – por tornar ostensiva a relação oblíqua entre facticidade e actualidade. Os artigos do *Spectator* são actuais porque abordam as realidades do seu tempo, mas, em contraste com a imprensa de cariz noticioso, fazem-no almejando verdades que não dependem do registo do acontecimento concreto. Em face disto, pode dizer-se que estamos perante jornalismo literário que associa

à redacção de artigos breves, publicados num formato fixo de duas páginas impressas a duas colunas, oferecidos ao público quase sempre com uma regularidade diária (fora domingos), um conjunto de estratégias novelísticas – à falta de melhor palavra – que envolvem o retomar de personagens e temas ao longo de artigos sucessivos ou intercalados, o enxertar de histórias e citações, e o cultivo da forma do “carácter” à maneira de Teofrasto e La Bruyère. (Notemos que as ambiguidades da “novidade” também se encontram inscritas no conceito coetâneo de *novel*, quer dizer, no género do romance realista, que muitas vezes assumiu o aspecto de testemunho verídico na primeira pessoa, ou seja, de autobiografia ficcional, como se verifica em Daniel Defoe, e de colectânea de documentos autênticos, como ocorre com o romance epistolar, de que é exemplo a obra de Samuel Richardson.)

Trata-se de jornalismo literário, também, num outro sentido: é que, podendo transitar a máscara de um autor para outro, como sucede entre o primeiro número e o segundo com a assunção da figura de Mr Spectator por parte de Addison e depois de Steele, também pode cair a máscara de todo, e então se constata por vezes que o *Spectator* se torna lugar de exposição de crítica literária (inserida num plano mais alargado de crítica do gosto e das artes), mormente da autoria de Addison, que vem a ter vasta ressonância histórica pelo modo como considera a obra de John Milton, as baladas populares, a ideia dos prazeres da imaginação e outros temas.

Naturalmente, a definição de “caracteres” tem antes de mais uma instanciação de superior relevo na composição do “Spectator Club”. Vale a pena examinar os nomes (dos membros que não permanecem anónimos, como Mr Spectator permanece). O nome de Sir Roger de Coverly sugere um couro defeso, “coberto”, que não obsta a que o baronete se mostre por demais afável e liberal no trato, bem isento de presunção. O de Sir Andrew Freeport alude à doutrina do *mare liberum*, que era muito de feição ao expansionismo britânico da época, e no entanto quando o mercador se reclama do mar oceano como “os baldios britânicos” o narrador – recordemos que se trata do seu amigo Mr Spectator – quase o acusa de ter um humor marialva. O nome de Will Honeycomb, pelo apelido “favo de mel”, sugere uma figura delicadoce, quase efeminada, um resquício serôdio da vida elegante e boémia do período da Restauração. O do Capitão Sentry aponta para a “sentinela” – de antanho ou de agora ainda, na vida civil, sendo ele, pela sua modéstia e quase timidez, em tudo o contrário do proverbial *miles gloriosus*. As personagens são reportadas a tipos, mas esses tipos sofrem inflexões ou modulações por vezes inesperadas, enriquecedoras sempre.

A subtilidade do clube como cenário de enunciação permite a Mr Spectator – ou aos autores – eximir-se não apenas a uma vinculação estrita à veracidade circunstancial mas também aos embaraços de comprometimento político que à época demarcavam a generalidade da imprensa periódica – e até muita da cultura do impresso fora do periodismo. O *Spectator* não é um órgão de partido, como deixa claro desde o número de abertura, mas, não sendo militante, nem por isso as questões da *polis* lhe merecem indiferença. Tal como os factos, ausentes, no romance, hão-de ceder lugar à verosimilhança, a verdade circunstancial, no *Spectator*, dá o seu lugar a uma veridicidade calibrada por princípios de boa moral e boa política. Em concordância com estes vislumbra-se a espaços um alinhamento com o denominado “interesse do capital” (a

nova economia que punha em causa o primado do “interesse fundiário”) e com o *status quo* jurídico-político nascido da Revolução Gloriosa de 1688-89, justificada com a defesa da liberdade e da soberania da nação que – assim se argumentava – o rei Jaime II quisera suprimir. A alegoria e – mais – a fantasmagoria do Banco de Inglaterra no número 3 não deixa dúvidas, pelo modo como associa a finança com diplomas como a *Magna Carta* de 1215 e a Lei da Sucessão de 1701, admitindo embora que o capitalismo tem ainda as suas fragilidades. Desta maneira, o discurso ideológico marca presença, mas de forma indirecta, através do filtro da inventiva literária. Doutrinação política faria Addison num outro periódico, *The Freeholder*, de 1715-16.

Envergando ou não a máscara de Mr Spectator, os autores do periódico não têm grande reboço em reivindicar-se de uma condição especial. O *Spectator* quer-se lido por homens mas também por mulheres. A todos quer instruir e entreter. Recomenda-se à família, para acompanhar as refeições. Zela por unir o prazer ao proveito – assim cumprindo o famoso preceito exarado por Horácio para a literatura. Tira o saber dos gabinetes para o levar à praça pública. Ensina o bom gosto na pintura e na poesia, no falar e no comportamento. Prega a devoção e a tolerância. Castiga o vício sem fustigar o vicioso. Tudo faz num regime de discurso para o qual é difícil encontrar um precedente de similar relevo, ou simplesmente de idêntico recorte, na cultura greco-latina ou mesmo na cultura do Renascimento. Neste sentido, pode dizer-se que o *Spectator*, situado no período literário do Classicismo e reflectindo muitas das suas matrizes, cristaliza um género que é novo, portanto (e porquanto) virtualmente marginal a um entendimento circunscrito do que é clássico – ou do que é literário. Os benefícios a retirar do *Spectator* não passam apenas pelos ensinamentos e pelos prazeres que os autores declaram proporcionar ao seu público imediato (e posterior); passam também por uma certa reconfiguração da própria ideia de literatura, não contra, mas numa rede de interseccionamentos com esse mesmo-outro do literário que é o jornalismo.

\*\*\*

O *Spectator* constitui uma grande massa de texto, sem títulos, sem explicitação de temas, que não é fácil de navegar. A presente selecção é exígua, constituindo o início de um projecto maior. Toma por base a magnífica edição empreendida por Donald F. Bond, de 1965, de cujo aparato crítico beneficiou largamente. Efectuámos alguma simplificação gráfica no que respeita a maiúsculas e itálicos, que nos parecem dispensáveis quando não têm especial significado, ficando a dever-se apenas a convenções de escrita da época. A anotação limita-se ao esclarecimento de alguns dados que podem supor-se mais obscuros. Os artigos, de resto, falam bem por si.

No final encontra-se uma lista de referências bibliográficas particularmente úteis, que aliás inclui a única tradução portuguesa moderna de uma sequência de ensaios deste periódico, o ciclo dos “Prazeres da Imaginação”.

\*\*\*

N.º 1 (quinta-feira, 1 de Março de 1711)

*Non fumum ex fulgore, sed ex fumo dare lucem  
Cogitat, ut speciosa dehinc miracula promat.*

Hor.

Tenho observado que um leitor raramente folheia um livro com prazer antes de descobrir se o autor é um homem moreno ou loiro, de disposição amena ou colérica, casado ou solteiro, com outros particulares de semelhante natureza, que muito contribuem para o correcto entendimento de um autor. Para gratificar esta curiosidade, que é tão natural num leitor, concebo este meu artigo, e o próximo, como discursos prefaciais aos meus escritos seguintes, e neles darei alguma conta das diversas pessoas que se encontram envolvidas neste trabalho. Como o encargo principal de compilar, resumir e corrigir recairá sobre mim, devo fazer a mim mesmo a justiça de abrir a obra com a minha própria história.

Pertenço à linhagem de uma pequena propriedade hereditária, que, de acordo com a tradição da aldeia onde se situa, tinha por limites as mesmas sebes e valados ao tempo de Guilherme, o Conquistador,<sup>1</sup> que tem ao presente, e que foi deixada de pai para filho toda e inteira, sem perda ou aquisição de um único campo ou prado, no espaço de seiscentos anos. Corre uma história na família que, quando minha mãe me trazia no ventre havia coisa de três meses, sonhou que caía à cama para dar à luz um juiz. Se isto resultou de um pleito que estava pendente na família, ou de o meu pai ser juiz de paz, não consigo determinar; pois não sou tão vaidoso que pense que presagiava alguma dignidade que atingiria na minha vida futura, embora fosse essa a interpretação que lhe deu a vizinhança. A gravidade da minha conduta logo à primeira aparição no mundo, e durante todo o tempo em que fui amamentado, pareciam favorecer o sonho da minha mãe. Pois, como ela amiúde me contou, rejeitei o chocalho antes de fazer dois meses, e não queria dar uso à mordideira sem que lhe tirassem os guizos.

Quanto ao restante da minha infância, nada nele havendo de notável, passá-lo-ei em silêncio. Lembro que nos meus verdes anos tinha a reputação de ser um rapaz muito solene, mas fui sempre um favorito do meu mestre-escola, que costumava dizer que era dotado de sólidas qualidades e que daria boa prova de mim. Não demorei muito na universidade a distinguir-me pelo mais profundo silêncio. Pois, no decurso de oito anos, exceptuando os exercícios públicos do instituto, mal proferi a quantidade de cem palavras; e de facto não me lembro de alguma vez dizer três frases de seguida em toda a minha vida. Enquanto estive nessa douta corporação, apliquei-me com tal diligência aos meus estudos que há pouquíssimos livros célebres, seja nas línguas eruditas, seja nas modernas, com os quais não tenha travado conhecimento.

Após a morte do meu pai, resolvi fazer uma viagem a países estrangeiros, e portanto deixei a universidade, com reputação de ser um indivíduo singular e inexplicável, possuidor de grande lastro de saber, assim quisesse mostrá-lo. Uma sede insaciável de conhecimento levou-me a todos os países da Europa nos quais houvesse alguma coisa nova ou estranha para ver. Ora a tal ponto se apurou a minha curiosidade que, tendo lido as controvérsias de certos grandes homens

acerca das antiguidades do Egípto, fiz uma viagem ao Grande Cairo, de propósito para tirar as medidas de uma pirâmide; e, mal fiquei esclarecido nesse particular, regresssei muito satisfeito ao meu país natal.

Passei os últimos anos nesta cidade, onde com frequência me vêem nos lugares mais públicos, embora não haja mais de meia dúzia de amigos selectos que me conheçam; dos quais o meu artigo seguinte dará conta mais particularmente. Não há local dos mais concorridos onde não apareça com frequência; sou visto às vezes a enfiar a cabeça numa roda de políticos no Will's<sup>2</sup> e a escutar com grande atenção as narrativas que são feitas nesses pequenos círculos de audiência. Às vezes fumo um cachimbo no Child's; e, enquanto aparento só prestar atenção ao *Post-Man*,<sup>3</sup> ouço as conversas de todas as mesas na sala. Apareço aos domingos à noite no café de St James, e às vezes junto-me ao pequeno comité político da sala interior, como pessoa que chega para ouvir e tirar proveito. A minha cara é igualmente bem conhecida no Grecian, no Cocoa-Tree e nos teatros, tanto de Drury Lane como do Haymarket. Tenho sido tomado por mercador na Bolsa para cima de dez anos, e por vezes passo por judeu na assembleia dos investidores no Jonathan's. Em suma, onde quer que veja um grupo de pessoas reunidas, misturo-me sempre com elas, embora nunca abra a boca a não ser no meu próprio clube.

Assim vivo no mundo, mais como um espectador da humanidade do que como membro da espécie; e por estes meios tornei-me assim estadista, soldado, mercador e artesão especulativo, sem nunca me meter em qualquer papel prático na vida. Sou muito versado na teoria de ser marido, ou de ser pai, e sei discernir os erros na economia, nos negócios e nos divertimentos dos outros, melhor do que os que a eles se dedicam; como os que se deixam ficar à margem descobrem abertas que tendem a escapar aos que estão em jogo. Nunca apoiei qualquer partido com violência, e estou decidido a observar estrita neutralidade entre Whigs e Tories, a não ser que me obriguem a declarar-me por meio de hostilidades de um dos lados. Resumindo, desempenhei todos os papéis na minha vida como um observador, que é o carácter que pretendo preservar neste jornal.

Dei ao leitor o quanto baste da minha história e do meu carácter para que veja que não me faltam de todo qualificações para a tarefa a que me cometi. Quanto a outros particulares da minha vida e das minhas aventuras, inseri-los-ei em artigos futuros, consoante veja oportunidade. Entretanto, quando considero tudo aquilo que vi, li e escutei, começo a culpar a minha taciturnidade; e, como não tenho nem tempo nem inclinação para comunicar em conversa os recônditos da minha alma, estou decidido a fazê-lo por escrito; e a verter-me todo em letra de forma, se possível, antes de morrer. Têm-me dito amigos com frequência que é uma pena tão úteis descobertas que fiz estarem na posse de um homem silencioso. Por este motivo, então, publicarei uma folha cheia de pensamentos todas as manhãs, para benefício dos meus contemporâneos; e se puder de algum modo contribuir para a diversão e o adiantamento do país em que vivo, hei-de ficar, quando for chamado a deixá-lo, com a secreta satisfação de pensar que não vivi em vão.

Há três pontos de grande substância que não mencionei neste artigo e que, por diversas razões importantes, devo guardar para mim, ao menos por algum tempo: refiro-me ao meu

nome, à minha idade e à minha morada. Devo confessar que faria a vontade ao leitor em qualquer coisa que fosse razoável; mas quanto a estes três particulares, ainda que seja sensível ao facto de muito contribuírem para o embelezamento do jornal, não sou ainda capaz de me resolver a comunicá-los ao público. Com efeito, eles retirar-me-iam dessa obscuridade de que gozei durante largos anos, e expor-me-iam nos locais públicos a diversos cumprimentos e civilidades, que sempre me foram muito desagradáveis, pois que as maiores penas que posso sofrer são que me falem e que me fitem. É também por esta razão que mantenho como grandes segredos o meu aspecto físico<sup>4</sup> e as minhas vestes; ainda que não seja impossível que venha a fazer revelações quanto a ambos no decurso da obra a que me cometi.

Tendo assim dado tantos pormenores acerca de mim, irei no jornal de amanhã apresentar os cavalheiros que colaboram comigo nesta obra. Pois, como já dei a entender, um plano para o fazer está traçado e acordado (como todas as outras questões importantes o são) num clube. Porém, como os meus amigos quiseram que eu ficasse à frente, quem esteja interessado em corresponder-se comigo pode endereçar as suas cartas *Ao Espectador*, para casa do Sr. Buckley, em Little Britain.<sup>5</sup> Pois devo ainda informar o leitor de que, embora o nosso clube reúna apenas às terças e quintas-feiras, nomeámos um comité para assentar arraiais todas as noites, com vista a inspeccionar todas as folhas que possam contribuir para o avanço do bem público.

C [Joseph Addison]

## N.º 2 (sexta-feira, 2 de Março de 1711)

... *Ast Alii sex*

*Et plures uno conclamant ore.*

Juv.

O primeiro membro da nossa sociedade é um cavalheiro do Worcestershire, de ascendência antiga, um baronete, chamado Sir Roger de Coverly. O bisavô foi o inventor daquela famosa dança da província que tem o seu nome. Todos os que conhecem aquela zona estão muito bem familiarizados com as qualidades e os méritos de Sir Roger. É um cavalheiro de conduta muito singular, mas as singularidades procedem do seu bom senso, e são contrárias aos costumes do mundo apenas na medida em que ele pensa que o mundo vai errado. Porém, este humor não lhe cria quaisquer inimigos, pois ele nada faz com azedume ou obstinação; e não estar preso a formas e modas só o torna mais pronto e mais capaz de agradar e tornar gratos todos os que o conhecem. Quando se encontra na cidade vive em Soho Square. Diz-se que se mantém solteiro por ter sido infeliz no amor com uma viúva bela e perversa do condado vizinho do dele. Antes dessa desilusão, Sir Roger era aquilo que se chama um fino cavalheiro, jantara muitas vezes com Lord Rochester<sup>6</sup> e Sir George Etherege,<sup>7</sup> travou um duelo na sua primeira visita à cidade,

e deu uns pontapés a Bully Dawson<sup>8</sup> num café por o ter tratado por “rapaz”. Mas, tendo sido destrutado pela dita viúva, fez-se muito sério durante ano e meio; e, ainda que o seu temperamento fosse de natureza jovial, a certa altura deixou-se disso, descuidou-se de si mesmo e nunca mais se vestiu; continua a usar casaca e gibão do mesmo corte que estava em voga ao tempo em que foi rejeitado, que, diz-nos quando está de bom humor, já esteve na moda e fora dela doze vezes desde que os estreou. Diz-se que Sir Roger se tornou humilde nos seus desejos depois de esquecer a cruel bela, a ponto de se contar que infringiu com frequência a castidade com pedintes e ciganas; mas isto é encarado pelos amigos mais como tema de chiste do que de verdade. Está agora no seu quinquagésimo sexto ano, é bem-disposto, alegre e caloroso, mantém uma boa casa tanto na cidade como no campo; um grande amigo da humanidade; mas há um timbre tão jucundo na sua conduta que é adorado mais do que estimado. Os seus rendeiros ficam ricos, os criados têm ar de satisfeitos, todas as moças declaram que o adoram, e os moços aprezem-se na sua companhia. Quando entra numa casa trata os criados pelo nome, e conversa sem cessar, escadas acima, quando faz uma visita. Não posso omitir que Sir Roger é juiz de paz, que toma assento no foro da comarca a cada três meses com grande competência, e da última vez foi universalmente aplaudido por explicar um trecho da lei da caça.

O cavalheiro que entre nós vem a seguir em estima e autoridade é também ele solteiro, e membro do Inner Temple:<sup>9</sup> homem de grande probidade, espírito e entendimento, mas que escolheu o seu lugar de residência mais para obedecer à vontade de um velho pai caprichoso do que em prol das suas próprias inclinações. Foi ali posto para estudar as leis da nossa terra, e é o mais sabedor naquela casa das leis do palco. Compreende Aristóteles e Longino muito melhor do que Littleton ou Cooke.<sup>10</sup> O pai envia-lhe pelo correio a toda a hora perguntas relativas aos contratos de casamento, rendas e títulos de propriedade da vizinhança; para responder a todas estas perguntas contratou um advogado que trata delas por atacado. Anda a estudar as paixões em si mesmas, quando devia inquirir das disputas que elas suscitam entre os homens. Conhece o argumento de todos os discursos de Demóstenes e de Cícero, mas nenhum das actas dos nossos tribunais. Nunca o tomaram por tolo, mas ninguém, fora os seus amigos mais íntimos, o sabe possuidor de uma grande dose de engenho. Esta qualidade torna-o a um tempo desinteressado e agradável: como tem poucos pensamentos que provenham das lides forenses, são na sua maior parte adequados à conversa. Em livros o seu gosto é um pouco exigente de mais para a época em que vive; leu todos, mas aprova só alguns. A sua familiaridade com os costumes, as maneiras, os actos e os escritos dos antigos faz dele um observador muito delicado do que se lhe depara no presente. É um excelente crítico, e a hora do teatro é a sua hora de trabalho; passa exactamente às cinco pela New Inn,<sup>11</sup> atravessa Russel Court e dá uma saltada ao Will's até ao começo da peça; engraxam-lhe os sapatos e empoeiram-lhe a peruca no barbeiro que fica junto ao Rose. É bom para o público que ele vá ver uma peça, pois os actores ambicionam agradar-lhe.

A seguinte pessoa de consideração é Sir Andrew Freeport, um mercador de grande eminência na City; pessoa de diligência infatigável, razão forte e grande experiência. Faz do comércio um conceito nobre e generoso, e (como todo o homem rico tem geralmente uma



maneira espertalhaça de chasquear que não lhe ficaria bem se não fosse rico) chama ao mar os baldios britânicos. Conhece bem o comércio em todos os seus aspectos, e dir-vos-á que é estúpido e bárbaro alargar o domínio pela força das armas, pois o verdadeiro poder alcança-se pelos ofícios e pela indústria. Defenderá com frequência que, estivesse esta parte do nosso comércio bem cultivada, lucraríamos de uma nação; e, se aquela, de outra. Já o ouvi provar que a diligência traz aquisições mais duradouras que a galhardia, e que a ociosidade arruinou mais nações do que a espada. Abunda em diversas máximas frugais, entre elas a sua preferida: “Centavo poupado é centavo ganho”. Um comerciante de vastos interesses dotado de bom senso é companhia mais prazerosa do que um homem de vasta erudição; e possuindo Sir Andrew natural eloquência sem afectação, a perspicuidade do seu falar dá o prazer que o espírito daria em outro. Fez a sua própria fortuna; e diz que a Inglaterra pode ser mais rica do que outros reinos, pelos mesmos métodos simples com que ele é mais rico do que outros; ainda que também eu possa dizer dele o seguinte, que não há ponto da bússola que não marque o rumo de volta a casa a navio que lhe pertença.

Senta-se a seguir a Sir Andrew na sala do clube o Capitão Sentry, cavalheiro de grande coragem e bom entendimento, mas de invencível modéstia. É daqueles que têm muito mérito, mas que têm pouco jeito para pôr os talentos à vista dos que neles deviam reparar. Foi capitão por alguns anos, e portou-se de forma bem galante em diversos recontros e em vários cercos; mas, sendo dono de uma pequena propriedade, e sendo herdeiro de Sir Roger, deixou um modo de vida no qual um homem nunca consegue subir à medida do seu mérito sem ser um pouco cortesão em cima de ser soldado. Não raro o ouvi lamentar que, numa profissão em que o mérito é posto à vista de forma tão evidente, o despudor levasse a melhor sobre a modéstia. Ao falar deste assunto, nunca o ouvi usar uma expressão amarga, antes sempre confessou com franqueza ter deixado o mundo por não se adequar a ele. Estrita honestidade e uma conduta regular são em si mesmas obstáculos para aquele que precisa de furar a turba dos que almejam idêntico objectivo, o favor de um comandante. No entanto, ao falar disso, ele desculpa os generais que não decidem de acordo com o merecimento dos homens, ou não procuram conhecê-lo: porque, diz, o grande homem que tenciona ajudar-me tem que abrir alas entre tantos como aqueles que eu tenho de apartar para chegar a ele. Assim conclui que alguém que quer fazer figura, especialmente como militar, precisa de ultrapassar toda a falsa modéstia e auxiliar o seu patrono face à impertinência de outros pretendentes, mediante apropriada firmeza na afirmação de si mesmo. Diz que é uma cobardia civil não nos afoitarmos a declarar o que é lícito esperarmos, tal como é um receio militar ser lento no ataque quando é o nosso dever. Com esta sinceridade fala o cavalheiro de si e dos outros. A mesma franqueza percorre toda a sua convivência. A porção militar da sua vida forneceu-lhe muitas aventuras, cujo relato é muito agradável aos seus companheiros, pois nunca é importuno, ainda que esteja acostumado a um comando total sobre os seus subordinados; nem é alguma vez demasiado obsequioso, derivado do hábito de obedecer a homens muito acima dele.

Mas para que a nossa sociedade não pareça uma série de excêntricos, desconhecedores das galantarias e dos prazeres dos dias de hoje, temos entre nós o galante Will Honeycomb, um

cavalheiro que, de acordo com a sua idade, deveria estar no declínio da vida, mas que, tendo sempre cuidado muito bem de si, e tendo tido sempre vida fácil, deixou-lhe o tempo marcas muito leves, seja por rugas na frente, seja por bossas no cérebro. Tem figura bem torneada e é de boa altura. Tem grande prontidão para o tipo de conversa com que os homens normalmente entretêm as mulheres. Toda a vida se vestiu muito bem, e lembra-se de roupas tão bem como outros se lembram de homens. É dado a sorrir quando lhe falamos, e ri com facilidade. Conhece a história de todas as modas, e sabe informar a qual das mulheres do rei francês as nossas esposas e filhas foram buscar esta maneira de encaracolar o cabelo, aquele jeito de colocar os chapéus; quem encobriu a sua frioleira com certo gênero de espartilho e quem, pela vaidade de exhibir o pé, tornou tão curtos os vestidos em tal ano. Numa palavra, toda a sua conversa e saber têm pertencido ao mundo feminino. Como outros homens da sua idade nos darão notícia do que disse certo ministro em tal ou tal ocasião, ele dir-nos-á que quando o Duque de Monmouth dançou na corte certa mulher se apaixonou, e que outra foi levada com ele à frente das tropas no parque. Em todas estas importantes relações, recebeu ele sempre, pela mesma altura, um olhar terno, ou um abanar de leque, da parte de alguma beldade célebre, mãe do actual lorde senhor-tantos-de-tal. Se mencionamos um jovem membro dos Comuns autor de um dito es-pirituoso na Câmara, ele retorque: “Corre-lhe bom sangue nas veias, o pai foi Tom Mirabell, o safado passou-me a perna dessa vez; a mãe desse rapaz tratou-me mais como um cão do que qualquer mulher que alguma vez requestei.” Esta maneira de falar que ele tem anima muito a conversa entre aqueles de nós que têm um feitio mais sossegado; e vejo que não há ninguém no nosso grupo a não ser eu, que raramente falo, que não fale dele senão como o tipo de homem que se costuma dizer um cavalheiro fino e polido. Para concluir o seu carácter, quando não toca a mulheres, é um homem honesto e de valia.

Não sou capaz de dizer se devo considerar pertencente ao nosso grupo aquele de quem falo de seguida; porque só nos visita de longe a longe, mas, quando o faz, acrescenta a todos os outros um renovado prazer na sua companhia. Trata-se de um clérigo, um homem muito filosófico, de amplo saber, vida muito santa e a mais rigorosa boa educação. Tem o infortúnio de ser de constituição muito fraca, e por consequência não pode aceitar os cuidados e encargos a que a promoção na sua carreira o obrigaria. É, portanto, entre os sacerdotes, o que é um solicitador entre os advogados. A probidade da sua consciência, e a integridade da sua vida, valeram-lhe seguidores, assim como ser eloquente ou espalhafatoso garante adiantamento a outros. Raramente introduz o assunto de que fala; mas já nos conhecemos há tantos anos que, quando está entre nós, ele observa uma premência em que aborde algum tema sagrado, que trata sempre com grande autoridade, como alguém desprendido das coisas deste mundo, como alguém que tem pressa de chegar ao objecto de todos os seus desejos, e de enfermidades e decaimentos alimenta a esperança. São estes os meus quotidianos companheiros.

R [Richard Steele]

N.º 3 (sábado, 3 de Março de 1711)

*Quoi quisque ferè studio devinctus adhæret:  
Aut quibus in rebus multùm sumus antè morati:  
Atque in quâ ratione fuit contenta magis mens;  
In somnis eadem plerumque videmur obire.*

Lucr. L. 4.

Numa das minhas recentes deambulações, ou antes especulações, espreitei o grande salão onde fica o Banco,<sup>12</sup> e não pouco me agradou ver os directores, secretários e funcionários, com todos os outros membros dessa rica corporação, a postos nos seus vários lugares, de acordo com o papel que desempenham nessa justa e regular economia. Isto reavivou-me na memória os muitos discursos que lera e ouvira relativos ao declínio do crédito público, com os métodos para o restaurar, e que, em minha opinião, foram sempre deficientes, porque sempre foram definidos tendo em vista interesses díspares e princípios partidários.

Os pensamentos do dia mantiveram a minha mente ocupada durante toda a noite, de tal modo que, sem me aperceber, caí numa espécie de sonho metódico, que dispôs todas as minhas contemplações numa visão ou alegoria, ou o que quer que o leitor prefira chamar-lhe.

Pensei que retornara ao Grande Salão, onde estivera na véspera de manhã, mas, para surpresa minha, em vez do pessoal que lá deixara, vi no extremo superior do salão uma belíssima virgem, sentada num trono de oiro. O seu nome (segundo me disseram) era *Crédito Público*. Em vez de estarem as paredes adornadas com pinturas e mapas, delas pendiam muitas leis do Parlamento escritas em letras douradas. No extremo superior do salão estava a Magna Carta, com a Lei da Uniformidade do lado direito e a Lei da Tolerância do esquerdo. No extremo inferior do salão estava a Lei da Sucessão,<sup>13</sup> posta mesmo à vista da virgem sentada no trono. Ambos os lados do salão estavam cobertos com as leis do Parlamento respeitantes ao estabelecimento dos fundos públicos. A senhora parecia dar um valor indizível a estes vários trastejamentos, tanto que era frequente refrescar neles o olhar e sorrir-se com secreto prazer ao mirá-los; mas, ao mesmo tempo, mostrava uma muito particular inquietação se via aproximar-se alguma coisa que pudesse causar-lhes dano. Parecia, na verdade, infinitamente timorata em todo o seu comportamento; e, fosse da delicadeza da sua constituição, ou de estar incomodada com os vapores, como depois me disse um sujeito que percebi não lhe querer bem, mudava de cor e sobressaltava-se com cada coisa que ouvia. Era também (como vim a descobrir) a pessoa mais achacada que eu alguma vez conhecera, mesmo dentro do seu sexo, e sujeita a consumições tão súbitas que, enquanto o diabo esfrega um olho, caía da disposição mais radiante, e do estado de saúde mais sadio, e emurchecia até parecer um esqueleto. Recuperava muitas vezes de forma tão instantânea como decaía, pois que num momento era capaz de recobrar alento, saindo de um destempero que a esgotava, recuperando o hábito de suprema saúde e vigor.

Não demorou que eu tivesse oportunidade de observar estas rápidas mudanças e reviravoltas da sua constituição. Sentavam-se-lhe aos pés um par de secretários, que a toda a hora

recebiam cartas de todos os cantos do mundo, que um ou outro lhe lia em contínuo; e, de acordo com as notícias que ouvia, e às quais prestava a máxima atenção, mudava ela de cor e denotava muitos sintomas de saúde ou doença.

Atrás do trono encontrava-se um monte prodigioso de sacos de dinheiro, empilhados uns em cima dos outros a tal altura que tocavam o tecto. O chão, à sua mão direita, e à sua esquerda, estava coberto com vastas somas de ouro que se erguiam em pirâmides, de ambos os lados dela. Mas isto deixou de me provocar grande surpresa quando ouvi, tendo perguntado, que ela tinha a mesma virtude no toque que os poetas dizem ter antigamente um lei da Lídia;<sup>14</sup> e que ela conseguia converter tudo aquilo que quisesse naquele metal precioso.

Após uma pequena tontura, e pensamentos confusos e precipitados, que acometem muitas vezes o homem que sonha, pareceu-me que o salão ficou alarmado, que as portas se escancaram e que entraram meia dúzia dos mais hediondos fantasmas que até então vira (mesmo em sonhos). Entraram dois a dois, se bem que emparelhados da maneira mais díspar, e misturaram-se numa espécie de dança. Seria maçador descrever-lhes as vestes e os semblantes, razão pela qual somente informarei o leitor de que compunham o primeiro par a Tirania e a Anarquia, o segundo o Fanatismo e o Ateísmo, o terceiro o génio de uma república e um jovem de cerca de vinte anos de idade cujo nome não consegui descobrir.<sup>15</sup> Trazia uma espada na mão direita, que durante a dança muitas vezes apontava à Lei da Sucessão; e um cidadão que se achava ao meu lado sussurrou-me ao ouvido que viu uma esponja na sua mão esquerda. A dança de tantas naturezas desconformes lembrou-me o Sol, a Lua e a Terra em *The Rehearsal*,<sup>16</sup> que dançavam juntos tendo por único motivo eclipsar-se uns aos outros.

O leitor facilmente acreditará, pelo que fica dito, que a senhora sentada no trono teria sido quase levada à exasperação pelo medo, se tivesse visto um único que fosse destes espectros; qual então não haveria de ser o estado dela ao vê-los todos juntos? Desmaiou e esvaeceu-se ante essa visão.

*Et neque jam color est misto candore rubori;  
Nec Vigor, & Vires & quæ modò visa placebant;  
Nec Corpus remanet ...*

*Ov. Met., Lib. 3.*

Deu-se uma grande alteração no monte de sacos de dinheiro e nas pilhas de dinheiro, aqueles encolhendo e mirrando até ficarem sacos vazios, e agora verifiquei não ultrapassar uma décima parte aqueles que estavam cheios de dinheiro. Os restantes, que ocupavam o mesmo espaço e tinham o mesmo aspectos que os sacos realmente cheios de dinheiro, haviam sido enchidos de ar, e trouxeram-me à memória os sacos cheios de vento que nos diz Homero recebeu de Éolo o seu herói como presente. Os grandes montes de ouro que ladeavam o trono agora pareciam ser meros amontoados de papel, ou pequenos conjuntos de gravetos com entalhes, atados em feixes, como fogo-de-artifício.

Enquanto eu lamentava esta súbita desolação a que assistira, a cena desapareceu por

completo: para o lugar dos espectros medonhos entrava agora uma segunda dança de aparições muito agradavelmente emparelhadas, e composta de fantasmas muito fagueiros. No primeiro par vinha a Liberdade, com a Monarquia à sua direita; o segundo era a Moderação conduzindo a Religião; e o terceiro uma pessoa que eu nunca vira,<sup>17</sup> acompanhada do génio da Grã-Bretanha. À sua entrada a senhora animou-se logo, os sacos encheram-se e retomaram o seu volume anterior, as pilhas de gravetos e os montes de papéis transformaram-se em pirâmides de guinéus; e pela minha parte tanto exultei de alegria que acordei, embora deva confessar que de bom grado voltaria a adormecer para terminar a visão, se pudesse fazê-lo.

C [Joseph Addison]

N.º 10 (segunda-feira, 12 de Março de 1711)

*Non aliter quam qui adverso vix flumine lembum  
Remigiis subigit: si brachia forte remisit,  
Atque illum in præceps pronò rapit alveus amni.*

Virg.

É com muita satisfação que oiço esta grande cidade perguntar todos os dias por estas minhas folhinhas e receber as minhas palestras matinais com seriedade e atenção adequadas. Diz-me o meu editor que já são distribuídas três mil por dia: pelo que, se considerar vinte leitores por cada uma, o que me parece um cálculo modesto, dá-me o resultado de cerca de sessenta mil discípulos em Londres e Westminster,<sup>18</sup> que espero cuidem de se distinguir do rebanho irreflectido dos seus irmãos ignorantes e desatentos. Uma vez que granjeei tão grande audiência, não me hei-de poupar a esforços para tornar agradável a sua instrução e útil o seu divertimento. Por este motivo vou empenhar-me em animar a moralidade com o engenho e temperar o engenho com a moralidade, para que os meus leitores consigam, se possível, encontrar das duas maneiras a sua quota-parte na especulação de cada dia. E com o fito de que a sua virtude e a sua discricção não sejam arrancos breves e intermitentes do pensamento, resolvi refrescar-lhes a memória dia após dia, até os resgatar desse desespero de vício e toleima em que caiu a época. Da mente que está em pousio um dia que seja brotam tolices que só podem matar-se mediante cultivo constante e assíduo. Dizia-se de Sócrates que fez descer a filosofia dos céus, para habitar entre os homens; e eu ambiciono que de mim se diga que tirei a filosofia de gabinetes e bibliotecas, escolas e universidades, para morar em clubes e assembleias, à mesa do chá e nos cafés.

Recomendaria estas minhas especulações, portanto, de modo muito particular, a todas as famílias bem governadas, que reservam uma hora todas as manhãs para chá e pão e manteiga; e aconselhá-las-ia seriamente, para seu bem, a que dessem ordens para que este jornal seja servido pontualmente, e que seja encarado como fazendo parte do serviço de chá.

Sir Francis Bacon observa que um livro bem escrito, comparado com os seus rivais e antagonistas, é como a serpente de Moisés, que de pronto engoliu e devorou as serpentes dos egípcios.<sup>19</sup> Não terei a vaidade de pensar que onde o *Espectador* aparece as outras folhas públicas desaparecerão; mas deixarei à consideração dos meus leitores se não é muito melhor ser admitido ao conhecimento de si mesmo do que ouvir o que se passa na Moscóvia ou na Polónia; e divertirmo-nos com escritos que tendem a desmondar a ignorância, a paixão e o preconceito, mais que aqueles que conduzem naturalmente a inflamar ódios e a tornar irreconciliáveis as inimizades.

Seguidamente, recomendarei este jornal ao exame diário daqueles cavalheiros que não posso senão considerar meus bons irmãos e aliados, quero dizer, a fraternidade de espectadores que vivem no mundo sem nada terem nele que fazer; e que, ou pela afluência da sua fortuna, ou pela preguiça da sua disposição, nada têm a tratar com o resto da humanidade que não seja ficar a mirá-la. Esta classe de homens compreende todos os negociantes contemplativos, médicos titulares, membros da Royal Society,<sup>20</sup> advogados sem a bossa do contencioso e estadistas fora dos seus cargos. Em resumo, todos os que consideram o mundo um teatro e desejam formar um juízo recto sobre os que nele são actores.

Há outro conjunto de homens dos quais cabe de igual modo reclamar-me, a quem há pouco tempo chamei *os vazios da sociedade*,<sup>21</sup> por serem totalmente desprovidos de ideias antes de lhas fornecerem o assunto e a conversa do dia. Tenho muitas vezes considerado estas pobres almas com olhar de grande comiseração, quando os ouço perguntar ao primeiro com quem se cruzam se há alguma novidade e por esse meio recolhem materiais para pensar. Estas pessoas necessitadas não sabem sobre que hão-de falar até cerca do meio-dia; pois por essa altura são razoáveis juízes do estado do tempo, sabem de que lado sopra o vento e se chegou o barco-correio da Holanda. Como estão à mercê do primeiro que encontram, e ficam taciturnos ou impertinentes durante todo o dia, de acordo com as noções que absorveram de manhã, com seriedade os instaria a que não deixassem os seus aposentos sem lerem este jornal, e prometo incutir-lhes diariamente sentimentos sadios e salutareos que terão efeitos benéficos sobre a sua conversação pelas doze horas seguintes.

Mas para ninguém terá este jornal maior utilidade do que para o mundo feminino. Muitas vezes tenho pensado que não tem havido empenho suficiente em encontrar tarefas e diversões próprias para as belas. Parecem conceber-lhes os entreténs mais como sendo elas mulheres do que criaturas racionais; e são mais ajustados ao sexo do que à espécie. A toilette é o principal lugar da sua lida, e o perfeito ajeitar do cabelo o máximo cuidado da sua vida. Escolher um vestido com fitilhos considera-se uma muito boa manhã de trabalho; e, se vão a uma passamanaria ou a uma loja de bricabraque, tão grande fadiga deixa-as incapazes para outra coisa o resto do dia. As suas ocupações mais sérias são costurar e bordar, e o seu pior fardo a preparação de geleias e doçarias. É este, digo, o estado das mulheres comuns; que eu sei haver multidões das que têm vida e conversação mais elevadas, que se movem numa esfera exaltada de saber e virtude, que juntam todas as belezas do espírito aos ornamentos do vestir, e inspiram uma sorte de reverência e respeito, assim como de amor, aos homens que as observam. Espero

fazer aumentar o número dessas publicando este jornal diário, que sempre me empenharei em fazer entretenimento inocente, se não edificante, e por tal meio ao menos desviarei a mente das minhas leitoras de maiores futilidades. Ao mesmo tempo, ao querer dar alguns retoques de acabamento àquelas que são já as partes mais belas da natureza humana, cuidarei de apontar todas aquelas imperfeições que mancham, bem como todas as virtudes que embelezam, o sexo. Entretanto espero que estas minhas gentis leitoras, que têm tanto tempo livre, não desdenhem gastar um quarto de hora por dia com este jornal, uma vez que o podem fazer sem qualquer obstáculo aos seus afazeres.

Sei que várias pessoas amigas e bem-intencionadas têm grande preocupação comigo, não vá ser incapaz de sustentar o espírito de um jornal que me comprometo a fornecer diariamente: mas para os sossegar neste particular, prometo-lhes que desistirei fielmente mal comece a causar enfado. Isto tenho consciência de que será matéria para grande chiste por parte dos escrevinhadores, que bastas vezes hão-de lembrar-me da minha promessa, exigir que cumpra a palavra dada, assegurar-me de que está na hora de parar, com muitas outras medidas dessa natureza, que os homens com uma pontinha de gênio não resistem a atirar aos seus melhores amigos, quando lhes dão pretexto para se fazerem engraçados. Mas recordem-se de que aqui exprimo as minhas reservas contra esse tipo de zombaria.

C [Joseph Addison]

#### N.º 11 (terça-feira, 13 de Março de 1711)

*Dat veniam corvis, vexat censura columbas.*

Juv.

Arietta é visitada por todas as pessoas de ambos os sexos que têm alguma pretensão a espírito e galantaria. Encontra-se naquela fase da vida em que nem está afectada pelas futilidades da juventude nem pelas enfermidades da velhice; e a sua conversa combina tanta jovialidade e prudência que ela agrada tanto aos novos como aos velhos. Conduz-se com grande franqueza, sem causar qualquer ofensa; e, como não está apostada em empresas de amor ou ambição para si própria, os visitantes entretêm-na com histórias de si mesmos com todo o à-vontade, digam elas respeito às suas paixões ou aos seus interesses. Fiz-lhe esta tarde uma visita, tendo tido a honra de lhe ser apresentado pelo meu amigo Will Honeycomb, que a convenceu a admitir-me algumas vezes na sua assembleia, como homem cortês e inofensivo que sou. Encontrei-a na companhia de uma pessoa apenas, um falador de lugares-comuns, que, quando entrei, se ergueu e, após uma muito leve cortesia, se voltou a sentar; e, virando-se então para Arietta, continuou o seu discurso, que verifiquei versar o velho tema da constância no amor. Prosseguiu com grande facilidade repetindo aquilo que diz todos os dias da sua vida; e, com ornamentos

de insignificantes risadas e gestos, reforçou os seus argumentos por meio de citações, de peças e cantigas alusivas aos perjúrios das belas e à geral leviandade das mulheres. Pareceu-me que se esforçava por brilhar mais do que o costume no seu falatório, de modo a ofender o meu silêncio e a distinguir-se perante uma mulher com o bom gosto e o entendimento de Arietta. Inclina-se ela com frequência a interrompê-lo, mas não encontrava oportunidade, até que aquela fanfarra chegou ao fim; o que não aconteceu até ele ter repetido e trucidado a célebre história da matrona de Éfeso.

Arietta pareceu encarar este chiste como um insulto dirigido ao seu sexo, do mesmo modo que sempre observei que as mulheres, seja por uma consideração delicada pela sua honra, seja por outro motivo que não sei dizer, são mais sensíveis a tais calúnias lançadas sobre o seu sexo em geral do que são os homens em relação ao que se diz sobre o deles.

Tendo recuperado um pouco da séria cólera em que se pôs, respondeu ela da seguinte maneira:

Senhor, quando considero a que ponto é novo o que dissestes sobre o tema, e que a história que nos destes tem menos de dois mil anos, não posso senão achar que seria presunçoso disputar convosco; mas as vossas citações recordaram-me a fábula do homem e do leão. Andando com aquele nobre animal, o homem, para ostentar a superioridade humana, mostrou-lhe uma imagem de um homem a matar um leão. Ao que o leão comentou com muita justeza, *Nós, os leões, não temos pintores, de contrário poderíamos mostrar uma centena de homens mortos por cada leão morto por um homem*. Vós, homens, sois escritores, e podeis representar-nos a nós, mulheres, com todas as inconveniências que quereis nas vossas obras, enquanto nós não podemos retribuir a ofensa. Observastes duas ou três vezes no vosso discurso que a nossa educação se funda sobre a hipocrisia; e que a capacidade de disfarçar as nossas afeições é uma parte declarada do modo como somos criadas. Estas e semelhantes reflexões encontram-se espalhadas pelos escritos de todas as épocas, de autores que deixam ficar memoriais do ressentimento que lhes foi causado pelo desdém de mulheres particulares, em invectivas contra o sexo como um todo. Um desses autores, não tenho dúvida, foi o celebrado Petrônio, que inventou as jocosas censuras contra a dama de Éfeso. Mas, quando consideramos esta questão entre os sexos, que tem sido discutida, ou como disputa, ou em jeito de chiste, desde que há homens e mulheres, colhamos factos de pessoas comuns, e daqueles que não têm ambição nem capacidade para adornar as suas narrativas com quaisquer belezas da imaginação. Estava há dias entretida a ler a descrição de Barbados por Ligon;<sup>22</sup> e, em resposta ao vosso conto bem urdido, dar-vos-ei (porque me ficou na memória), do relato desse honesto viajante, a páginas cinquenta e cinco, a história de Inkle e Yarico.

O Sr. Thomas Inkle de Londres, de vinte anos de idade, embarcou na costa do Kent num belo navio chamado Aquiles, de partida para as Índias Ocidentais, a 16 de Junho de 1647, com vista a fazer fortuna por meio de trato e mercadoria. O nosso aventureiro era o terceiro filho de um cidadão eminente, que tivera o especial cuidado de lhe inculcar o desejo de enriquecer cedo, dotando-o de um perfeito domínio dos números, e por consequência dando-lhe desde jovem uma percepção de perdas e ganhos, e impedindo os naturais impulsos das suas paixões



ao predis pô-lo para os seus interesses. Com esta atitude, o jovem Inkle tinha uma aparência a todos os títulos agradável, feições de cores vigorosas, membros fortes, com cachos de cabelo loiro a pender-lhe soltos sobre os ombros. Aconteceu do decurso da viagem que o Aquiles, numa aflição, atracou junto a um ribeiro no continente da América, em busca de provisões. O jovem herói da minha história, com outros, foi com outros a terra. Desde que desembarcaram eram observados por um grupo de índios, que com esse propósito se escondiam no mato. Os ingleses, imprudentemente, marcharam até longe da costa e foram interceptados pelos nativos, que mataram a maior parte. O nosso aventureiro foi um dos que escaparam, fugindo para uma floresta. Ao chegar a uma parte do mato remota e sem caminhos, atirou-se, cansado e sem alento, sobre uma pequena colina, quando uma rapariga índia surgiu de uma moita por trás dele. Passada a surpresa inicial, pareceram mutuamente agradáveis um ao outro. Se o europeu se encantou com os membros, as feições e as graças bravias da americana nua, a americana não menos ficou cativa com a roupa, a tez e a figura de um europeu coberto da cabeça aos pés. A índia enamorou-se dele de imediato, e por conseguinte mostrou-se solícita com a sua sobrevivência. Conduziu-o, por isso, até uma caverna, onde lhe deu um delicioso repasto de frutos, e levou-o a um riacho para que matasse a sede. No meio destes bons ofícios, brincava por vezes com o seu cabelo, e deleitava-se com o contraste entre a cor do cabelo e a dos seus dedos; ora lhe espreitava o peito, ora se ria dele por o tapar. Era ela, parece, pessoa de distinção, pois todos os dias lhe aparecia vestida de maneira diferente, com as mais belas conchas e contas. Também lhe trazia muitos despojos, com que os seus outros pretendentes a tinham presenteado; assim lhe adornou ricamente a caverna com peles de todo o tipo de animais e muitas penas de muitas cores das aves que havia naquele mundo. Para tornar aquela reclusão mais tolerável, ela carregava-o na penumbra do entardecer, ou ao abrigo do luar, até bosques e lugares isolados que ninguém frequentava, e mostrava-lhe onde se podia deitar em segurança, e dormir entre as cascatas e as melodias dos rouxinóis. O papel dela consistia em ficar de vigia e em tomá-lo nos braços, por medo dos seus conterrâneos, e em acordá-lo quando havia razão para temer pela sua segurança. Desta maneira passavam os amantes o tempo, até que aprenderam uma linguagem só sua na qual o forasteiro comunicava à sua amante que felicidade lhe daria levá-la para o seu país, onde andaria vestida com sedas como a do seu colete e seria levada em casas puxadas por cavalos, sem estar exposta ao vento ou ao tempo. De tudo isto ele lhe prometeu que ela gozaria, sem os receios e alarmes que ali os atormentavam. Nesta correspondência terna viviam os amantes há vários meses, quando Yarico, sob instruções do amante, descobriu ao largo um navio, ao qual fez sinais; e nessa noite, com a maior alegria e satisfação, acompanhou-o a um grupo dos seus compatriotas, de uma tripulação que se dirigia a Barbados. Quando um navio chega a essa ilha vindo do continente, consta que os donos das plantações descem até ao porto, onde se faz de imediato um mercado de índios e outros escravos, como entre nós de cavalos e bois.

Em resumo, o Sr. Thomas Inkle, agora chegado a territórios ingleses, começou a pensar seriamente no tempo que perdera, e a ponderar quantos dias de juros sobre o seu capital perdera durante o período em que estivera com Yarico. Isto pôs o jovem muito pensativo, e em cuidados sobre que contas ia dar aos seus ao cabo da sua viagem. Com estas considerações, o jovem

prudente e frugal vendeu Yarico a um negociante de Barbados; a despeito de a pobre rapariga, para o convencer a apiedar-se da sua situação, lhe ter dito que esperava um filho dele; mas ele limitou-se a fazer uso dessa informação para pedir mais dinheiro ao comprador.

Tocou-me tanto esta história (que penso devia ser sempre um contraponto à da matrona de Éfeso) que deixei o salão de lágrimas nos olhos; o que uma mulher de bom senso como Arietta tomou, decerto, por maior aplauso do que qualquer elogio que eu pudesse fazer-lhe.

R [Richard Steele]

### N.º 124 (segunda-feira, 23 de Julho de 1711)

Μέγα βιβλίον, μέγα κακόν.

Um homem que publica as suas obras em volume tem uma vantagem infinita sobre aquele que comunica ao mundo os seus escritos em artigos soltos e peças esparsas. Não esperamos encontrar nada num volume de tomo antes de um preâmbulo pesado, e algumas palavras da praxe, que preparam o leitor para o que vem a seguir. Estabeleceram mesmo os autores como uma espécie de regra que um homem deve ser enfadonho às vezes; pois que o mais severo leitor dá um desconto a muitos momentos em que dormita o escritor de tomo. Isto deu origem ao famoso provérbio grego que escolhi para divisa, que *um grande livro é um grande mal*.

Pelo contrário, aos que publicam os seus pensamentos em folhas separadas, e como que às prestações, faltam todas essas vantagens. Precisamos de imediatamente dar início ao nosso assunto e tratar todas as suas partes com vivacidade, ou os nossos jornais são deitados por serem enfadonhos e insípidos. O nosso tema precisa de ser condensado, e ou ser em si mesmo totalmente novo, ou receber cores de novidade da maneira como nos exprimimos. Se os livros dos nossos melhores autores fossem assim vendidos a retalho ao público, e cada página submetida ao gosto de quarenta ou cinquenta mil leitores, receio que houvéssemos de nos queixar de muitas expressões rasas, observações triviais, tópicos estafados e pensamentos vulgares, que muitas vezes passam muito bem por grosso. Ao mesmo tempo, mau grado alguns jornais serem compostos de ideias mal amanhadas e rascunhos irregulares, com frequência se espera que cada folha seja uma espécie de tratado e que compense em pensamentos o que lhe falta em volume; que um lance de humor seja explorado em todas as suas facetas; e um tema seja abordado nos seus aspectos essenciais, sem as repetições, tautologias e circunlóquios a que se dão ao luxo os trabalhos mais extensos. Os comuns escritores de moralidade prescrevem aos seus leitores à maneira galénica; fazem os remédios em grandes quantidades. Um escritor de ensaios deve praticar segundo o método da botica e dar a virtude de um trago inteiro numas poucas gotas. Fossem todos os livros assim reduzidos à sua quinta-essência e muitos autores de tomo apareceriam num jornal de centavo. Quase não haveria entre as espécies da natureza

um in-fólio. As obras de toda uma época caberiam em poucas prateleiras; para não falar de milhões de volumes que seriam totalmente aniquilados.

Não consigo pensar que a dificuldade de fornecer artigos separados desta natureza tenha impedido os autores de comunicar ao mundo os seus pensamentos dessa maneira: embora deva confessar que me espanta que a imprensa seja apenas usada deste modo pelos escritores de notícias e pelos zelotas de partido; como se não fosse mais vantajoso para a humanidade ser instruída na sabedoria e na virtude do que na política; e fazer bons pais, maridos e filhos, que conselheiros e estadistas. Tivessem os filósofos e os grandes homens da Antiguidade, que tanto se empenharam na educação do ser humano, e em deixar o mundo mais prudente e melhor do que o encontraram; tivessem eles, digo, possuído a arte da imprensa, não há dúvida que teriam dela tirado a vantagem de fazer chegar ao público as suas palestras. As nossas folhas correntes seriam de grande utilidade se assim fossem concebidas para difundir o bom senso pela maior parte de um povo, para lhe desturvar o entendimento, animar de virtude a sua mente, dissipar as penas de um coração desgostoso, ou aliviar o espírito das suas ocupações mais severas por meio de divertimentos inocentes. Quando o conhecimento, ao invés de estar fechado entre as capas dos livros, e guardado em bibliotecas e recolhimentos, assim se entranha no público; quando é escrutinado em todas as assembleias e se encontra exposto em todas as mesas; não posso impedir-me de reflectir sobre aquele trecho dos Provérbios:

*A sabedoria clama nas ruas,  
eleva a sua voz nas praças,  
grita por sobre os muros,  
faz ouvir sua voz à entrada das portas da cidade:  
“Até quando, ó simples, amareis a ingenuidade?  
Até quando os néscios se deleitarão em zombar  
e os insensatos odiarão o saber?”*<sup>23</sup>

As muitas cartas que me chegam de pessoas as mais sensatas de ambos os sexos (pois posso pronunciar-me sobre o seu carácter com base na maneira como escrevem) não me encorajam pouco na prossecução desta empresa. Para além disso, o meu livreiro diz-me que a procura do meu jornal aumenta diariamente. É a instâncias dele que me disponho a continuar as minhas *especulações rurais* até ao final deste mês; tendo alguns feito delas conjuntos separados, como antes fizeram dos artigos relativos ao engenho, à ópera, a questões de moral ou a assuntos de humor.

Não me sinto de todo mortificado, quando às vezes vejo homens sem gosto nem instrução deitarem fora as minhas obras. Há como que um fardo de ignorância que paira sobre a mente dos homens comuns, e esta é demasiado espessa para que o conhecimento penetre. As suas almas não hão-de ser iluminadas.

*... Nox atra cavâ circumvolat umbra.*

A estes devo aplicar a fábula da toupeira que, depois de consultar muitos oculistas para melhorar a vista, foi por fim provida de um bom par de óculos; mas, ao tentar fazer uso deles, a mãe disse-lhe muito avisadamente que os óculos, ainda que pudessem ajudar a visão de um homem, de nada serviam a uma toupeira. Não é, portanto, para benefício das toupeiras que publico estes meus ensaios diários.

Mas além de haver toupeiras por ignorância, há outros que são toupeiras por inveja. Como diz o provérbio latino, que “cada homem é lobo para outro homem”, também assim, geralmente, cada autor é toupeira em relação a outro. É-lhes impossível descortinar belezas nas obras uns dos outros; só têm olhos para falhas e defeitos. São na verdade capazes de ver a luz, como se diz dos animais que têm o mesmo nome, mas a ideia é-lhes dolorosa; imediatamente fecham os olhos e se retiram para uma escuridão obstinada. Já apanhei dois ou três desses vermes subterrâneos, e tenciono fazer uma feira deles, para pendurar num dos meus ensaios como exemplo para todas essas toupeiras voluntárias.

C [Joseph Addison]

#### N.º 403 (quinta-feira, 12 de Junho de 1712)

*Qui mores hominum multorum vidit...*

Hor.

Quando considero esta grande cidade nas suas várias zonas e divisões, encaro-a como um agregado de diversas nações distintas umas das outras pelos respectivos costumes, maneiras e interesses. As cortes de dois países não diferem tanto uma da outra como a corte e a cidade nos seus modos de vida e conversação peculiares. Em suma, os habitantes de St James, embora vivam sob a alçada das mesmas leis e falem a mesma língua, são gente diferente dos de Cheapside, que são da mesma forma distantes dos do Temple de um lado e dos de Smithfield de outro, por diversos climas e graus nas suas maneiras de pensar e conviver.

Por este motivo, quando estão na forja negócios públicos, adoro ouvir as reflexões que assomam nas várias freguesias e paróquias de Londres e Westminster, e vaguear daqui para ali durante o dia todo, para me familiarizar com as opiniões dos meus engenhosos compatriotas. Por este meio conheço a cara de todos os principais políticos dos dois municípios; e, como cada café tem um estadista particular que lhe pertence, que é a voz da rua em que mora, tenho sempre o cuidado de me pôr perto dele, para conhecer o seu juízo acerca do estado das coisas. A última caminhada que fiz com este intento foi há cerca de três meses, quando tivemos notícia da morte do rei de França.<sup>24</sup> Como previ que isto traria uma nova situação à Europa, e muitas especulações curiosas aos nossos cafés britânicos, tive grande vontade de apurar os pensamentos dos nossos mais eminentes políticos nessa ocasião.

Para começar tão perto da fonte quanto possível, dirigi-me primeiro ao café de St James, onde encontrei a sala de fora numa zoeira de política. Perto da porta, as especulações eram muito indiferentes, mas tornavam-se mais finas à medida que se avançava para a ponta de cima da sala, e tanto as melhorava um conclave de teóricos sentados na sala de dentro, sob os vapores da cafeteira, que ali ouvi traçar o destino a toda a monarquia espanhola e a linhagem dos Bourbons ser despachada por inteiro em menos de um quarto de hora.

Fui depois ao Giles's, onde vi uma mesa de cavalheiros franceses a discutir a vida e a morte do seu *Grand Monarque*. Os que de entre eles tinham aderido às posições dos whigs afirmavam muito categoricamente que ele tinha partido desta vida havia cerca de uma semana, e portanto procederam sem demora à libertação dos seus amigos das galés e ao seu próprio restabelecimento; mas, vendo que não conseguiam pôr-se de acordo, continuei a caminhada que planeava.

À minha chegada ao Jenny Man's, avistei um jovem com ar vivaço a dar um jeito ao chapéu como sinal para um amigo, que entrava ao mesmo tempo, e a dirigir-se-lhe da seguinte maneira: “Bem, Jack, o velho coirão finalmente estourou. É aviarmo-nos. Agora ou nunca, rapaz. Já para as muralhas de Paris.” Com várias outras reflexões profundas da mesma natureza.

Encontrei muito escassa variação na política entre Charing Cross e o Covent Garden. E ao chegar ao Will's verifiquei que a conversa tinha passado da morte do rei francês para a de Monsieur Boileau, Racine, Corneille<sup>25</sup> e diversos outros poetas, que nesta altura lamentavam como pessoas que teriam agraciado o mundo com muito nobres elegias à morte de tão grande príncipe e tão eminente patrono da cultura.

Num café perto do Temple, encontrei um par de jovens cavalheiros empenhados em brava disputa pela sucessão à monarquia espanhola. Um deles parecia ter sido contratado como advogado do duque de Anjou, o outro por Sua Majestade Imperial.<sup>26</sup> Ambos se inclinavam a regular o direito àquele reino pelas leis da Inglaterra. Mas, verificando que não conseguia acompanhar os argumentos, larguei para o adro de S. Paulo, onde escutei com grande atenção um homem sabedor, que fez aos circunstantes uma descrição do estado deplorável da França durante a menoridade do falecido rei.

Virei então à direita para a Fish Street, onde o político principal da vizinhança, tendo ouvido as notícias (depois de acender o cachimbo e de ruminar por algum tempo), dizia: “Se é certo que o rei de França está morto, vamos ter muita cavala nesta temporada; as nossas pescarias não vão ser perturbadas por corsários, como têm sido estes dez anos.” Ponderou de seguida como a morte desse grande homem afectaria a nossa sardinha, e com vários outros reparos infundiu toda a sua audiência de uma alegria geral.

Depois entrei num café que fica na parte ao cimo de uma viela estreita, onde encontrei um refractário<sup>27</sup> em discussão acesa com um negociante de rendas que era o grande arrimo de um conventículo que ficava próximo. O assunto em debate era se o falecido rei francês se parecia mais com César Augusto ou com Nero. A controvérsia decorria de forma acalorada de ambos os lados, e como cada um olhava para mim com grande frequência no decurso do debate fiquei preocupado que arbitrasse a questão, e por isso deixei o meu dinheiro no balcão e pus-me a andar para Cheapside.

Aí fiquei a mirar as tabuletas por algum tempo até dar com uma que servisse os meus intentos. O primeiro objecto que encontrei no café foi uma pessoa que expressava grande pesar pela morte do rei francês; mas, quando se explicou, constatei que a sua tristeza não se devia à perda do monarca, mas fora causada por ter vendido a sua quota no Banco uns três dias antes de ter recebido a notícia. E foi quando um comerciante de miudezas, que era o oráculo do café e estava rodeado do seu círculo de admiradores, chamou alguns para testemunharem que havia declarado como sua opinião uma semana antes que o rei francês tinha decerto morrido; ao que acrescentou que, tendo em conta os avisos recebidos de França recentemente, era impossível outra coisa. E enquanto ele assim debitava, e ditava aos seus ouvintes com grande autoridade, entrou um cavalheiro vindo do Garraway's que nos disse terem acabado de chegar várias cartas de França, informando que o rei estava de boa saúde e que tinha saído para uma caçada na mesma manhã em que partira o barco-correio. Foi quando o vendedor de miudezas agarrou no chapéu que estava num pino de madeira ao pé dele e se retirou para a sua loja, muito confuso. Esta informação pôs fim às minhas viagens, que levei a cabo com grande satisfação, não pouco prazer me dando ouvir tantas opiniões diferentes acerca de acontecimento de tal monta e observar com que naturalidade, perante notícia de tal calibre, cada um tende a considerá-la com respeito pelo seu particular interesse e a sua vantagem.

L [Joseph Addison]

## NOTAS

\* Jorge Bastos da Silva é docente da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Os seus principais campos de investigação são a Literatura e a Cultura Inglesas (em especial o período entre a Restauração e o Romantismo), a História Intelectual (em especial os Estudos sobre a Utopia), e os Estudos de Tradução e Recepção, com incidência nos contactos culturais entre Portugal e o Reino Unido. É autor e organizador de diversos livros, entre os quais: *Anglolusofílias. Alguns Trânsitos Literários*, 2018; *English Literature and the Disciplines of Knowledge, Early Modern to Eighteenth Century: A Trade for Light*, 2017; *Tradução e Cultura Literária. Ensaio sobre a Presença de Autores Estrangeiros em Portugal*, 2014; *The Epistemology of Utopia: Rhetoric, Theory and Imagination*, 2013; *A Instituição da Literatura. Horizonte Teórico e Filosófico da Cultura Literária no Limiar da Modernidade*, 2010; *Shakespeare no Romantismo Português. Factos, Problemas, Interpretações*, 2005. É director da revista *Op. Cit.: A Journal of Anglo-American Studies*. Foi recentemente eleito Presidente da Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos.

<sup>1</sup> Também cognominado o Bastardo (1027/8-1087), duque da Normandia que em 1066 venceu a Batalha de Hastings, derrotando o último soberano anglo-saxão, e assim se tornou o primeiro rei de uma monarquia que – com um breve interregno em meados do século XVII – sobrevive até hoje.

<sup>2</sup> Como o Marrare em Lisboa, em época mais tardia, os cafés tinham ou eram conhecidos pelo nome dos proprietários, muitas vezes; nalguns casos, são referidos pela sua localização, como sucede com o café de St James abaixo.

<sup>3</sup> Um trisemanário fundado em 1695, geralmente considerado de inclinação whig.

<sup>4</sup> No original, “complexion”. O termo tem implicações várias, já que remete para a compleição física mas também para a constituição humoral – e por via desta tanto para o temperamento como (regressando à dimensão fisiológica) para a tez, que se entendia reflectir a correlação entre os humores.

<sup>5</sup> Samuel Buckley, impressor e livreiro. Publicava desde 1702 o *Daily Courant*, o primeiro jornal diário inglês.

<sup>6</sup> John Wilmot, segundo conde de Rochester (1647-1680), poeta satírico e libertino do período da Restauração.

<sup>7</sup> Dramaturgo e diplomata (1636-1691/2), um dos mais importantes comediógrafos do período da Restauração.

<sup>8</sup> Mais uma figura notória da boémia daquele período.

<sup>9</sup> Uma das corporações de advogados, encarregadas da formação e da regulação da profissão jurídica, sediada no centro de Londres, junto ao Tamisa.

<sup>10</sup> Duas grandes referências do pensamento jurídico inglês. Sir Thomas Littleton (nascido antes de 1417, falecido em 1481) foi o autor do primeiro livro jurídico impresso em Inglaterra, comumente conhecido como *Littleton*, um tratado sobre o direito de propriedade que serviu de compêndio durante séculos. Sir Edward Cooke (fl. 1680-1682) defendeu a exclusão do duque de Iorque da sucessão ao trono (o duque era irmão do Carlos II, que não tinha herdeiro legítimo, e havia-se convertido ao Catolicismo; seria o Jaime II deposto aquando da Revolução Gloriosa de 1688-89). Uma das suas obras consistiu na tradução para inglês e no comentário da Magna Carta. Outra obra oferecia um comentário exaustivo de Littleton.

<sup>11</sup> Originalmente uma chancelaria, cujas instalações vieram a ser usadas como alojamentos e locais de trabalho dos advogados do Middle Temple, uma corporação semelhante ao Inner Temple mencionado acima.

<sup>12</sup> O Banco de Inglaterra, fundado em 1694 e instalado em Grocer’s Hall.

<sup>13</sup> Diplomas que formavam uma espécie de edifício constitucional de matriz parlamentarista, protestante e liberal, nomeadamente na perspectiva da ideologia whig: (1) a *Magna Carta* de 1215, assinada pelo rei João, estabelecia limites ao poder régio e, com grande impacto na teoria jurídica ulterior, firmava o princípio do *habeas corpus*; (2) com o nome de *Act of Uniformity* houve várias leis, dos reinados de Eduardo VI, Isabel I e Carlos II, todas destinadas a definir os privilégios da Igreja Anglicana e diversas das suas práticas; (3) o *Act of Toleration* de 1689 reconhecia aos protestantes não-anglicanos o direito a locais de culto, escolas e pregadores próprios; e (4) o *Act of Settlement* de 1701 consagrou um compromisso jurídico-político após a chamada Revolução Gloriosa que previa a transmissão do poder à futura dinastia hanoveriana, se – como era evidente que se verificaria – não tivessem herdeiros directos o rei Guilherme III e a sua cunhada, que entretanto lhe sucederia, a rainha Ana.

<sup>14</sup> O toque de Midas.

<sup>15</sup> James Edward Stuart (1688-1766), filho do deposto Jaime II e pretendente ao trono, do qual foi excluído pela Lei da Sucessão mencionada acima.

<sup>16</sup> Sátira dirigida ao meio literário e teatral, estreada em Londres em 1671. Embora levada ao palco e depois publicada sob anonimato, a peça foi atribuída com segurança a George Villiers, duque de Buckingham (1628-1687).

<sup>17</sup> O futuro rei Jorge I, a quem a rainha Ana nunca permitiu uma visita ao território britânico durante a sua vida. Jorge de Hanôver só viajaria para Londres para subir ao trono em 1714.

<sup>18</sup> Ao tempo, circunscrições administrativas separadas: “the City of London” e “the City of Westminster”.

<sup>19</sup> Sir Francis Bacon (1561-1626), em *Advancement of Learning*, uma das suas grandes obras promotoras da renovação dos saberes; e Êxodo 7:10-12.

<sup>20</sup> Sociedade científica londrina, uma das grandes instituições do saber do Iluminismo europeu, instituída ao tempo de Carlos II.

<sup>21</sup> Alude a passo do número 4, do *Spectator*, de 5 de Março, da autoria de Steele.

<sup>22</sup> Richard Ligon (ca. 1585-1662), autor de *True and Exact Historie of the Island of Barbadoes*, de 1657. Steele enriqueceu com elementos de sua lavra o relato de Ligon, e foi a partir da versão de Steele que a história de Inkle e Yarico se tornou muito conhecida e glosada ao longo do século XVIII.

<sup>23</sup> Provérbios, 1:20-22 (Alves 2002: 998).

<sup>24</sup> Decorria a Guerra da Sucessão de Espanha. A França de Luís XIV era o principal inimigo.

<sup>25</sup> Algumas das luminárias do Classicismo literário francês.

<sup>26</sup> Respectivamente o neto de Luís XIV e o imperador Carlos VI. O primeiro viria a tornar-se Filipe V de Espanha.

<sup>27</sup> No original, *nonjuror* – nome dado àqueles (em muitos casos sacerdotes anglicanos) que após a Revolução Gloriosa recusavam a sua fidelidade aos novos monarcas, Guilherme III e Maria II, por a terem previamente jurado a Jaime II.

## Bibliografia

- Addison, Joseph (1979), *The Freeholder*, ed. James Leheny, Oxford, Clarendon Press.
- (2002), *Os Prazeres da Imaginação*, coord. Maria Helena de Paiva Correia, Lisboa, Edições Colibri / Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa.
- Alves, Herculano (coord.) (2002), *Bíblia Sagrada*, 4.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Difusora Bíblica / Franciscanos Capuchinhos.
- Bloom, Edward A., and Lillian D. Bloom (1971), *Joseph Addison's Sociable Animal: In the Marketplace, on the Hustings, in the Pulpit*, Providence, Brown University Press.
- Bond, Donald F. (ed.) (1987), *The Spectator*, Oxford, At the Clarendon Press, 5 vols. [1965].
- Bond, Richmond P. (ed.) (1958), *New Letters to the Tatler and Spectator*, Austin, University of Texas Press.
- Mackie, Erin (ed.) (1998), *The Commerce of Everyday Life: Selections from The Tatler and The Spectator*, Boston, Bedford / St. Martin's.
- Mackie, Erin (1997), *Market à la Mode: Fashion, Commodity, and Gender in The Tatler and The Spectator*, Baltimore, Johns Hopkins University Press.
- Newman, Donald J. (ed.) (2005), *The Spectator: Emerging Discourses*, Newark, University of Delaware Press.